



## A LITURGIA, O ESPAÇO E A ACÚSTICA NO OUVIR DA *VIVA VOX EVANGELII*

---

Liturgy, space and acoustics in the hearing of the *viva vox evangelii*

Éder Beling<sup>1</sup>  
Sandro Santos da Rosa<sup>2</sup>

### Resumo:

O artigo aponta aspectos importantes relacionados à liturgia do Culto Cristão. Observa-se que o culto cristão contemporâneo talvez não consiga corresponder aos mesmos anseios do culto da igreja primitiva, que confraternizava e comemorava diária e semanalmente a ressurreição de Cristo. A partir disso, procura-se investigar de que maneira a liturgia pode ser tomada como evento fundamental para a constante motivação do culto cristão. Para tal, esboçar-se-á a importância da relação do espaço arquitetônico e acústico com a ação litúrgico-ritual. Conclui-se, preeminentemente, que a ação litúrgico-ritual e sua convergência com o espaço arquitetônico e acústico potencializam a *viva vox evangelii*.

### Palavras-chave:

Liturgia. Igreja. Espaço. Arquitetura. Acústica.

### Abstract:

The article points out important aspects related to the liturgy of Christian Worship. It is observed that the contemporary Christian worship may not be able to meet the same expectations of worship of the early church, which used to fraternize and celebrate daily and weekly the resurrection of Christ. Therefore, it makes an attempt to investigate how liturgy can be considered a key aspect for the constant motivation of Christian worship. To do this, the importance of the relationship between the architectural and the acoustic space with the liturgical and ritual action is outlined. It is preeminently concluded that the liturgical and ritual action and its convergence with the architectural and the acoustic space potentialize the *viva vox evangelii*.

### Keywords:

Liturgy. Church. Space. Architecture. Acoustics.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia – Bacharel em Teologia – Faculdades EST. Bolsista do CNPq. Orientado pelo Prof. Dr. Júlio César Adam. E-mail: ederbeling@gmail.com. Master's degree student in theology – graduated in theology – Faculdades EST. Scholarship recipient supported by CNPq. Supervised by Júlio César Adam. E-mail adress: ederbeling@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutorando em Teologia – Mestre em Teologia – Bacharel em Musicoterapia – Faculdades EST. Bolsista da CAPES – entidade governamental brasileira de incentivo à pesquisa científica e à formação de recursos humanos. Orientado pelo Prof. Dr. Júlio César Adam. E-mail: sandromusik@hotmail.com. Doctorate student in Theology – Master in theology – Graduated in musictherapy – Faculdades EST. Scholarship recipient supported by CAPES – Brazilian governmental Entity that encourages the scientific research and the formation of human resources. Supervised by Júlio César Adam. E-mail adress : sandromusik@hotmail.com.

## Considerações iniciais

O presente trabalho delineará asserções acerca da liturgia e do culto cristão. Para isso, identificar-se-á alguns aspectos fundamentais para uma concepção satisfatória da ação litúrgico-ritual, segundo a tradição cristã. Num primeiro momento, buscamos definir brevemente o significado de Culto Cristão, já tendo como “pano de fundo” a prerrogativa paulina de que “a fé vem pelo ouvir” (Rm 10.17).

A parte intermediária buscará compreender a importância do espaço arquitetônico, bem como a disponibilização das ferramentas litúrgicas na concepção do culto cristão. A terceira e última parte ocupar-se-á das concepções acerca do espaço acústico e sua importância na ação litúrgico-ritual.

Entretanto, a tese final deste trabalho é que a liturgia deve ser concebida como uma “Paisagem Audiovisual”, que atua como representação simbólica e, conseqüentemente, trabalha para (re)ligar o ser humano ao *numinoso* e totalmente outro. Para tal, é de suma importância a interação entre os diferentes espaços litúrgicos, arquitetônicos e acústicos, com as ferramentas e ações litúrgicas da comunidade.

## A liturgia como voz de Deus

Por ser ampla a definição de Culto Cristão, apontaremos alguns aspectos que elencamos como parte de sua essência: a) o estar com Deus – a resposta humana ao chamado e revelação divina (adoração);<sup>3</sup> b) celebração da relação do ser humano com Deus – celebração (agradecimento/devotão) da vida;<sup>4</sup> c) estar em comunidade a serviço de Deus;<sup>5</sup> d) o partilhar e celebrar os sacramentos (como o batismo e a eucaristia) em comunidade.<sup>6</sup> Percebe-se nas quatro asserções expostas que, como expõe Ostrowski, “no culto cristão é Deus, em primeiro lugar, quem está atuando”.<sup>7</sup>

O entendimento exposto acima, que se refere ao culto cristão, é unanimidade tanto entre protestantes quanto entre ortodoxos e católicos. Dessa forma, a presença ou serviço de Deus evoca uma resposta humana, sendo o culto – “com suas variadas formas de adoração, canto e oração” – o *serviço da comunidade perante Deus*. Tal presunção fundamenta o culto cristão teologicamente.<sup>8</sup> Mas, de onde vem essa ideia de culto?

Na igreja primitiva, cada encontro da comunidade era uma grande festa da Páscoa e no domingo os cristãos se reuniam para comemorar o “aniversário semanal da ressurreição”<sup>9</sup>, partilhar o pão, recordar a tradição dos apóstolos, praticar a diaconia e orar (At 2.42).<sup>10</sup> Na presente época, observa-se que as celebrações parecem não corresponder a este anseio primitivo

---

<sup>3</sup> WHITE, James F. *Introdução ao culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 17.

<sup>4</sup> WHITE, 1997, p. 23

<sup>5</sup> OSTROWSKI, Carla Irina. Culto cristão. IN: BORTOLLETO FILHO, Fernando (Org.). *Dicionário Brasileiro de teologia*. São Paulo: ATE, 2008. p. 243.

<sup>6</sup> BOROBIÓ, Dionísio. *Celebrar para viver: liturgia e sacramentos da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 111s.

<sup>7</sup> OSTROWSKI, 2008, p. 243.

<sup>8</sup> OSTROWSKI, 2008, p. 243.

<sup>9</sup> WHITE, 1997, p. 41.

<sup>10</sup> BOROBIÓ, 2009, p. 69.

de *comemorar* diária e semanalmente a ressurreição de Jesus Cristo, objetivando rememorar e dar continuidade à história da salvação. Talvez, alguns desses aspectos, tal como a rememoração (evento pascal), ainda aconteçam nas formas contemporâneas de culto cristão, mas, é legítimo que se pergunte: as pessoas vão à celebração para comemorar e festejar a ressurreição – e tudo que dela advém – ou, vão apenas por um hábito social? Os membros da comunidade, ao *ouvirem* a Palavra de Deus, sentem-se compromissados com ela?

Entre os mais variados aspectos, pelo qual se dá a reunião dos membros de uma comunidade para celebrar a História Salvífica de Cristo, está o ouvir. Num encontro entre pessoas, o pressuposto para uma conversa – um diálogo – é o ouvir. Para que se viva uma comunidade em Cristo é necessário que se ouça: a Palavra de Deus, do seu próximo, dos seus amigos e amigas, enfim, daquelas e daqueles que confraternizam e celebram tal mistério.

Repetidas vezes, dentro da teologia da Igreja Luterana e do cristianismo como um todo, comenta-se o seguinte versículo bíblico: “A fé vem pelo ouvir” (Rm 10.17). A teologia e a igreja luteranas, preocupadas em darem importância para o *ouvir*, centram-se na condição luterana e evangélica da proclamação da Palavra de Deus, da correta administração dos Sacramentos (batismo e eucaristia), do louvor e da oração, sendo que todas as formas de proclamação do Evangelho de Jesus Cristo passam pela acústica, ou seja, pelo *ouvir*. Toda liturgia, em que cristãos e cristãs tomam parte, não são somente palavras faladas que precisam ser *ouvidas*, mas também, músicas, louvores, símbolos e gestos. É nesse todo litúrgico que o *ouvir* “se sobressalta”, mesmo para aquelas e aqueles que não possuem audição auricular. O ouvir é, outrossim, entendido como toda a percepção, sentimento e sentir da experiência e vivência litúrgico-comunitária no culto.

É nesse sentido que o Professor Dr. Júlio César Adam chama a atenção para o *ouvir*. A partir de sua crítica referente ao labor homilético, é possível que se amplie o que pode ser compreendido como *as formas de ouvir* no culto. Ele afirma:

A fé vem pelo ouvir (Rm 10.17). No grego temos, aqui, o verbo *acouw* (ouvir, de acústica). Traduções que substituem o ouvir pelo termo “pregação” ocultam essa riqueza. A fé vem pelo que se ouve, mais do que pelo que homileticamente se faz e se prega. A fé não vem pela pregação. A fé vem pelo ouvir da voz do Evangelho. No ouvir, os ouvintes estão muito mais implicados. Eles estão mais convocados para o processo. Esse é um primeiro aspecto a considerar. Na missão da pregação – e nós homiletas gostamos dessa ideia mais do que da outra, tende-se a ver o que vem até o púlpito, como o mais importante: o labor exegético em torno do texto bíblico, o labor homilético em torno do texto da pregação, o púlpito como espaço da *performance* homilética. Nessa lógica, a pregação está mais centrada no pregador. Na outra lógica, na do ouvir, na do *acouw*, a pregação tem mais a ver com os ouvintes. Ouvir é um processo que é desencadeado.<sup>11</sup>

A partir disso constata-se: 1) o fazer litúrgico não deveria restringir-se apenas ao labor teológico e exegético, do preparar e escrever a liturgia ou a pregação; 2) o fazer litúrgico não deveria ser centralizado na figura do/a ministro/a; 3) o fazer litúrgico, tal como o ouvir, deveria ser um processo que é desencadeado entre todos os participantes do culto. Ademais, a liturgia não é tarefa de uma única pessoa, é tarefa da comunidade que se reúne. Entrementes, ninguém deveria isentar-se da participação litúrgica. Cada qual deveria servir à Igreja com os seus dons.

Nessa direção, pode-se ampliar o entendimento do *ouvir* no culto cristão, atentando que “[...] a fé não vem por ações, nem é desencadeada pela pregação, nem mesmo pelo estudo da

---

<sup>11</sup> ADAM, Júlio César. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 53, n. 1, p. 160-175, jan./jun., 2013. p. 163.

teologia ou da homilética. A fé vem pelo ouvir de uma voz. A *viva vox evangelii*. Quando se ouve a voz do Evangelho, algo tremendo, inusitado, novo, misterioso acontece. Nasce a fé”.<sup>12</sup>

Pode-se pensar, com isso, que a voz que fala não é apenas a voz da pessoa que executa a liturgia. A voz que fala é a *viva vox evangelii*, a qual podemos compreender como o todo que transmite e que evoca na comunidade a fé intermediada pelo Evangelho de Cristo. Fazem parte desse todo: membros da comunidade, ministro/a, palavra, música, arquitetura, símbolos, alimentos, gestos, vitrais, mosaicos, pinturas, Bíblia, hinários, espaços e centros litúrgicos de uma igreja, etc., e todos estes são instrumentos que Deus usa, como voz, para comunicar-Se com o mundo – no espaço e no tempo por Ele criados.

A partir disso, discorrer-se-á, na parte seguinte, sobre a importância do espaço no qual se engendra o fenômeno litúrgico – o ouvir da *viva vox evangelii*.

### A importância do espaço litúrgico

Parte-se do pressuposto de que toda a ação litúrgica precisa ter forma e ser deliberada por ministros/as, liturgistas e/ou pessoas da comunidade. Isso quer dizer: a liturgia precisa ser pensada como uma estrutura que dinamiza as ações comunitárias no culto; precisa ter início, meio e fim condizentes às propostas temáticas do culto, que podem ter como bases o lecionário, o calendário litúrgico, a folha dominical<sup>13</sup> e outras ferramentas litúrgicas. Para tal, é de importância ímpar o espaço no qual a liturgia ocorre.

Para que uma ação litúrgica seja concebida como rito no culto é preciso que se leve em consideração a liturgia como uma ação ritual que visa cultuar e reatualizar Cristo para dentro da vida da comunidade. Sem essa deliberação antropológica da motivação litúrgica, ou seja, sem o entendimento do propósito de uma ação litúrgica (ritual), talvez não se alcance ou não se *ouça* a voz de Deus e do Evangelho como poderia ser *ouvido*.

É preciso que saibamos, enquanto membros do corpo de Cristo, que as práticas cristãs não são meras atividades sociais. São, outrossim, o anunciar, o proclamar e o fazer do Evangelho no mundo – ontem, hoje e sempre. É em Cristo, por Cristo e com Cristo que se dá o Reino de Deus e sua “presença redentora”<sup>14</sup>. Para pensarmos e fazermos liturgia, não apenas precisamos saber dessas prerrogativas, e sim, vivenciá-las através da nossa fé. É sentindo Cristo em nós que poderemos passar a Boa-Nova adiante.

Por toda a verificada importância da liturgia na vida cristã é que se deve buscar o exercício de ações litúrgicas que ressoem a voz de Deus dentro da comunidade cristã. Para tal, é preciso que a disponibilização das ferramentas litúrgicas se dê em espaços pensados e deliberados pelas pessoas da Igreja. O espaço é para a liturgia e o culto, o que o som é para a música, ou o que uma peça é para a outra no jogo bilboquê. Na mesma direção, Raschzok afirma:

O espaço e o culto interagem. O culto configura o espaço e, inversamente, o espaço, o culto. O evento cultural depende do espaço e, simultaneamente, produz espaço. A partir dessa interação de desenvolve, cada vez, uma nova forma. O culto não é uma coisa já

<sup>12</sup> ADAM, 2013, p. 163.

<sup>13</sup> É uma folha litúrgica criada pelas Comissões Diocesanas de Liturgia. Observa-se, com isso, que cultos dominicais católicos comumente seguem temáticas pré-estabelecidas pelo calendário litúrgico.

<sup>14</sup> WAINWRIGHT, Geoffrey. Fundamentação sistemático-teológica. IN: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich. *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. v. 1. São Leopoldo: Faculdades EST, Sinodal, 2011. p. 120.

pronta, aplicada a um certo espaço, mas é algo que se desdobra cada vez dentro e junto com o espaço, formando uma nova unidade. [...] O espaço e o ritual [ação litúrgica] não são dois âmbitos a serem considerados como separados e independentes entre si; a dimensão do espaço representa uma forma básica essencial da ação litúrgica.<sup>15</sup>

É nesse sentido que advém o seguinte questionamento: o espaço de culto das nossas comunidades propiciam um *ouvir* ressonante da Palavra de Deus, sob todos os aspectos da *viva vox evangelii*? Ou, necessitamos de microfones, microscópios, amplificadores, lupas, vídeos e outras parafernalias tecnológicas para fazer a *viva vox evangelii* ecoar?

Tecnologias e adereços que ajudem a promover a *viva vox evangelii*, por meio de sons e imagens, são ferramentas comumente utilizadas para uma satisfatória ação litúrgica, mas, há que se pontuar que nem sempre ocorre uma satisfatória utilização de tais recursos. Exemplos disso são: microfonia, reverberação e ecos desnecessários, etc. No que concerne à utilização material do espaço, observa-se – nas práticas comunitárias – que às vezes a disponibilização dos recursos litúrgicos não está contextualizada às demandas do espaço. A disposição equivocada do mobiliário no espaço arquitetônico-litúrgico da igreja implica num não aproveitamento dos espaços litúrgicos. São exemplos disso: pia batismal disposta num lugar onde parte da comunidade não possa alcançar com olhares o batismo de um novo membro; falta de acesso universal a todos os ambientes litúrgicos da comunidade (ausência de rampas de acesso às igrejas e degraus que impossibilitam o acesso de pessoas idosas ao espaço da mesa eucarística, etc.).

O espaço d’onde ocorre a experiência litúrgica, sob o aspecto visual ou audível, deveria ser ocupado com ferramentas que deliberada e objetivamente consigam alcançar e evocar ao máximo – da comunidade participante – o sentimento de pertença ao Corpo de Cristo. Em sentido técnico, poderíamos fazer questionamentos relacionados à estética dos espaços litúrgicos e da igreja. Porém, mais importante do que o fator estético, talvez seja o cuidado em fazer e utilizar da melhor forma os espaços e ferramentas litúrgicas. Ter cuidado significa: conceber o espaço litúrgico com um espaço de sonho, utopia e esperança. Nas palavras de Maraschin sobre o espaço litúrgico:

Entramos nesse espaço, com pés e mãos, enquanto corpos. E é enquanto corpos que glorificamos a Deus: “Glorificai portanto, a Deus em vosso corpo” (1 Co 6.19), já dizia o apóstolo Paulo. [...] Esse espaço é provisório porque indica um outro espaço, definitivo. Espaço que ainda não conhecemos, mas que nos foi prometido, e que, portanto, aguardamos. Espaço futuro. No espaço da liturgia celebramos a chegada desse espaço futuro. Nós já usufruímos por antecipação, como dádiva do Espírito Santo. [...] Lugar para todos. Porque nos foi prometido, nós somos chamados a trabalhar para torná-lo real.<sup>16</sup>

Enquanto cristãos, liturgos, ministros, membros de equipes litúrgicas, músicos necessitamos ter em mente que a liturgia, na sua forma ritual, significa e ressignifica – a cada novo encontro – a vida através de Cristo. Dessa forma, o efeito da ação litúrgica sob seus participantes depende da comunicação da *viva vox evangelii*. Os aspectos até aqui delineados, referentes à importância da liturgia e sua relação com o espaço litúrgico, bem como a efetiva participação da comunidade nas ações litúrgicas, visam levar à reflexão de que no Culto Cristão:

---

<sup>15</sup> RASCHZOK, Klaus. Arquitetura eclesial e espaço da igreja. IN: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich. *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. v. 2. São Leopoldo: Faculdades EST, Sinodal, 2013. p. 297.

<sup>16</sup> MARASCHIN, Jaci. *A beleza da santidade: ensaios de liturgia*. São Paulo: Aste, 1996. p. 90-91.

[...] elementos devem se intercruzar para que a pessoa, ou, pessoas [comunidade], em contato com determinada fluência de informações, alcancem uma outra percepção da realidade, seja como reformulação, ou, criação de um novo espaço condicionado a uma nova percepção de tempo. Essa é a combinação que alça o sentido a pontos não atingíveis pelo cotidiano em si.<sup>17</sup>

Em outras palavras, como pontua Lutero, por meio da ação litúrgica se busca transformar a Casa de Deus – o espaço litúrgico – num lugar onde as pessoas possam colocar em prática a vontade do Criador, que se revela através do amor ao próximo. Essa prerrogativa litúrgica acontece como momento fundamental para que as pessoas – em integração – acessem a um sentimento congregacional não tão facilmente acessado no dia-a-dia da vida em sociedade.<sup>18</sup>

Entrementes, para que se possa encerrar a presente parte, é importante que delineemos a definição de culto a partir de Lutero. Essa definição, também conhecida como “Fórmula de Torgau”, se encontra na sua prédica por ocasião da dedicação (consagração) da Igreja do Castelo em Torgau. Disse ele: “[...] que nenhuma outra coisa se suceda, que não seja que, o nosso amável Senhor mesmo fale conosco através da sua Santa Palavra, e nos por outro lado falemos com Ele através da oração e de cânticos de louvor”.<sup>19</sup>

A partir da enfática fala de Lutero, sobre a comunicação de Cristo com seu povo e vice-versa, faz-se necessário, aqui, que reflitamos sobre a importância do espaço acústico para a anunciação, proclamação e consequente transmissão da Palavra de Deus. Para tal, é preciso que questionemos: as edificações eclesiais contemporâneas possuem uma *acústica adequada* para que todos possam *ouvir* o Cristo pregado?

### O espaço acústico na liturgia

Talvez a resposta mais simples seja: algumas edificações eclesiais possuem naturalmente uma boa acústica e, talvez, outras não. Mas, o que diferencia as edificações eclesiais, que desde a sua construção ou reforma possuem uma acústica privilegiada por sua própria condição arquitetônica, daquelas que por sua condição arquitetônica não possuem tal privilégio, no que concerne à liturgia?

Se a fé vem pelo ouvir, não basta que se reflita apenas sobre “o que” chega ao ouvido, mas também “como” chega. Sendo assim, é necessário que a ação litúrgica esteja engajada não apenas no conteúdo, mas, na forma como esse é constituído e transmitido às pessoas que tomam parte no culto. Nesse sentido, uma boa comunicação litúrgico-ritual depende das condições acústicas do ambiente e/ou não apenas isso. É possível considerarmos: 1) uma boa acústica não garante uma comunicação satisfatória; 2) uma acústica ruim não garante por si só uma comunicação ruim; 3) uma boa acústica pode ser fator para uma boa comunicação; 4) uma acústica ruim pode ser fator para uma comunicação ruim.

---

<sup>17</sup> ROSA, Sandro Santos da. *Musicoterapia e cuidado humano: a música e a reabilitação de pessoas que fazem uso abusivo de substâncias psicoativas*. Dissertação de Mestrado orientada por Júlio César Adam. São Leopoldo: EST/PPG, 2013. p. 66.

<sup>18</sup> BELING, Éder. *O espaço humano e o espaço sagrado: uma introdução*. São Leopoldo: EST/PPG, 2013, p. 16-17.

<sup>19</sup> [...] das nichts anders darin geschehe, denn das unser lieber Herr selbs mit uns rede durch sein heiliges Wort, und wir widerumb mit jm reden durch Gebet und Lobgesang.[...]. LUTHER, Martin. 1544. Nr. 35. Predigt bei der Einweihung der Schloßkirche zu Torgau erhalten 1544, gedruckt 1546. In: D. Martin Luthers Werke: kritische Gesamtausgabe. 49. Band. Weimar: Hermann Böhlau Nachfolge, 1913. p. 588. (Tradução: Éder Belling).

Levando primeiramente em consideração as questões acerca da comunicação e da acústica, ao falarmos da acústica de igrejas nos referimos aos mais “complexos exemplos da acústica espacial”.<sup>20</sup> Preeminentemente, é necessário que se explique o que é a acústica. Sólon do Valle compreende que a *acústica* é o “comportamento de um espaço em relação ao som produzido em seu interior”.<sup>21</sup> Já Murray Schafer trabalha com o conceito de *espaço acústico do objeto sonoro*, que segundo ele “é o volume do espaço no qual o som pode ser ouvido”.<sup>22</sup> O autor considera que as tecnologias de áudio (microfone, amplificadores, etc.) existem exatamente para aumentar o alcance da voz e, tão logo, do espaço acústico e seu conseqüente “poder” de alcance.<sup>23</sup> Para compreendermos esse fenômeno é necessário que compreendamos o som enquanto fenômeno físico e atmosférico.

O som é formado por ondas.<sup>24</sup> Ondas são fenômenos de repetição cíclica e constante, sendo que, entende-se por áudio (do latim *audio (ouço)*, 1ª pessoa do presente do verbo *audire*, que significa ouvir), “qualquer fenômeno no qual ocorram 20 a 20 mil ondas por segundo. O ouvido humano é capaz de perceber sons que contenham números de ondas por segundo dentro dessa faixa”.<sup>25</sup> Assim, as ondas sonoras são fenômenos que existem através do ar atmosférico, ou seja, pelo espaço em que se propaga.<sup>26</sup> Mas, por que é importante que se pautem essas informações?

A acústica de um espaço depende, entre outros aspectos, do tamanho do espaço (vertical e horizontal), do seu isolamento acústico, do mobiliário e número de pessoas dispostas. Depende, igualmente, de outras séries de combinações físicas, tal como a temperatura, que exerce influência direta na propagação das ondas sonoras, pois, o ar frio é mais denso que o quente e, portanto, constitui um meio melhor de propagação do som.<sup>27</sup>

Podemos pensar sobre a qualidade da acústica de igrejas a partir de conhecimentos básicos e fundamentais da física do som. A exemplo disso, a *reflexão*, a *absorção* e a *difusão* de ondas sonoras dependem de uma série de fatores constituintes do ambiente/superfície pelo qual o som se propaga. A reflexão sonora ocorre quando as ondas não são absorvidas pela superfície. Para as ondas sonoras serem absorvidas pela superfície, a superfície deve ser de material relativamente espesso e poroso. Por isso é que se usam espumas acústicas em estúdios de gravação, pois, ao absorver o som, elas evitam a reverberação excessiva e o conseqüente eco. A difusão da sonoridade é, grosso modo, o som espalhado em várias direções ao mesmo tempo. A difusão depende de uma superfície com ressaltos e cavidades, pois, estas produzem tempos de atraso diferentes na propagação das ondas, criando, conseqüentemente, uma sequência rápida de

---

<sup>20</sup> “[...] zu dem komplexesten Beispielen der Raumakustik.” BAUMANN, Dorothea; NIEDERSTÄTTER, Christina. Akustik in Sakralbauten. IN: STEGERS, Rudolf. *Entwurfsatlas Sakralbau*. Basel, Boston, Berlin: Birkhäuser, 2010. p. 54. (Tradução: Éder Beling).

<sup>21</sup> VALLE, Sólon do. *Manual prático de acústica*. 3. ed. revisada e ampliada Rio de Janeiro: Música & Tecnologia, 2009. p. 77.

<sup>22</sup> SCHAFFER, R. Murray. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011. p. 299.

<sup>23</sup> SCHAFFER, 2011, p. 299.

<sup>24</sup> MATRAS, Jean-Jacques. *O som*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 04.

<sup>25</sup> VALLE, 2009, p. 09.

<sup>26</sup> MENEZES, Flo. *A acústica musical em palavras e sons*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003. p. 44.

<sup>27</sup> VALLE, 2009, p. 68.

pequenas ondas difusoras do som incidente (original).<sup>28</sup> Observa-se que muitas igrejas históricas e contemporâneas são concebidas a partir de tais pressupostos.<sup>29</sup>

Edifícios eclesiásticos são comumente compostos por diferentes centros<sup>30</sup> e espaços litúrgicos<sup>31</sup>. Cada qual, dentro do complexo arquitetônico, apresenta diferente necessidade acústica. Observa-se que, enquanto espaço acústico, o culto perpassa o falar, o cantar e o conseqüente *ouvir*. Há diferentes concepções físico-arquitetônicas para diferentes proposições sonoras. Exemplo: a) a arquitetura das basílicas romanas históricas privilegiam a Palavra falada (pregação, leitura bíblica, oração) em detrimento da Palavra cantada (louvor, música instrumental). Isso porque sua estrutura arquitetônica é concebida de forma mais horizontal do que vertical; b) a arquitetura bizantina, com suas enormes cúpulas e abóbodas, privilegiam a Palavra cantada (louvor, música instrumental) em detrimento da Palavra falada (pregação, leitura bíblica, oração). Isso porque sua estrutura é mais vertical do que horizontal. Pode-se pensar que a reverberação acústica do louvor promova a experiência de “maior” contato do ser humano com Deus.

Essas noções de acústica são importantes para a concepção físico-material de edifícios eclesiásticos, pois, como afirmado, o efeito da ação litúrgico-ritual sob seus participantes depende da comunicação litúrgica. Em outras palavras, o efeito do culto sob seus participantes depende de “como” a *viva vox evangelii* é comunicada aos participantes do ritual litúrgico. Dessa maneira, edifícios eclesiásticos, que desde a sua concepção buscaram combinar os aspectos acústicos esboçados anteriormente, tendem a poder fazer uma melhor comunicação litúrgico-ritual. Só tendem, pois, toda e qualquer comunicação depende do interlocutor da informação. Díaz Bordenave discorre:

A comunicação serve para que as pessoas se relacionem entre si, transformando-se mutuamente e a realidade que as rodeia. Sem a comunicação cada pessoa seria um mundo fechado em si mesmo. Pela comunicação as pessoas compartilham experiências, ideias e sentimentos. Ao se relacionarem como seres interdependentes, influenciam-se juntamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridas.<sup>32</sup>

Aventa-se, com isso, que uma boa acústica com interlocução sem qualidade, não garante uma comunicação satisfatória. No mesmo passo, cogita-se que uma acústica não privilegiada por condições naturais precisa ser compensada pelos interlocutores da informação, para que se obtenha uma comunicação satisfatória. Entrementes, a comunicação não depende apenas de uma boa acústica, mas também da *performance* das pessoas que oficiam o rito litúrgico (ministro/a, comunidade, músicos, etc.), as quais são interlocutores da informação. Para tal, é fundamental que se invista na comunicação litúrgica, seja de maneira técnica, no que condiz à acústica e os meios audiovisuais pelas quais são veiculadas as informações, seja com o *cuidado* em utilizar o espaço e os meios de comunicação audiovisuais, de maneira que esses auxiliem e não venham a

---

<sup>28</sup> VALLE, 2009, p. 77-79.

<sup>29</sup> BAUMANN; NIEDERSTÄTTER, 2010, p. 57.

<sup>30</sup> Fonte ou pia batismal, mesa da eucaristia e ambão ou estante de leitura.

<sup>31</sup> Espaço congregacional ou da assembleia litúrgica, espaço de circulação, espaço batismal, espaço eucarístico e espaço da música.

<sup>32</sup> DÍAZ BORDENAVE, Juan E. *O que é comunicação*. São Paulo: Nova Cultural; Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos). p. 36

atrapalhar com ruídos, microfônias e distorções visuais<sup>33</sup> as ferramentas<sup>34</sup>, bem como as proposições litúrgico-rituais.

É preciso que se compreenda que a noção de comum-idade passa também por uma concepção acústica. Schafer afirma que “qualquer som intencionalmente expresso no interior de um recinto é mais ou menos privado, mais ou menos ligado ao culto – não importa se é o culto da cama dos amantes, da família, da celebração religiosa ou de um comício político clandestino”.<sup>35</sup>

Com esse entendimento, Schafer atenta para a ideia de que ao organizar-se em espaços acusticamente delimitados é que as pessoas se relacionam em comum-idade e, dessa maneira, pode-se compreender o caráter protetivo do espaço acústico que isola uma paisagem sonora interna em detrimento da externa. Em outros termos, em comunidade as pessoas criam uma paisagem sonora própria e isolada do mundo cotidiano (caótico, barulhento), de modo que ali dentro se ouça uma única voz ressonante: a *viva vox evangelii* – a Voz de Deus revelada em Cristo.

### Considerações finais

A tese do presente escrito é de que a concepção da liturgia tenha como pano de fundo o conceito de “Paisagem Audiovisual”, que significa: o culto – enquanto evento litúrgico – necessita de espaço físico e arquitetônico, como também precisa ser pensado, refletido e elaborado teologicamente, o que implica em conhecimento das partes que constituem a liturgia cristã, por parte de quem a oficia<sup>36</sup>. Isso, para que os aspectos citados anteriormente (espaço arquitetônico e acústico) possam, em conjunto, criar uma “Paisagem Audiovisual” que atue como representação simbólica e, conseqüentemente, (re)ligue o ser humano ao *numinoso* e totalmente outro.

O ontológico do culto cristão está na liturgia. Entende-se, aqui, que a liturgia é o *ser* do culto cristão. É a partir disso que se pode pensar no culto como realmente sendo a festa da Páscoa e não apenas um hábito ou evento social. Em grande parte, devemos reconhecer que igrejas não conseguem (re)estabelecer o culto cristão como anamnese da *viva vox evangelii*.

Contudo, a reflexão, o estudo e a vontade comunitária<sup>37</sup> na ação litúrgica são imprescindíveis para que se possa revigorar a fé da Igreja. Não obstante, considera-se que o lugar do culto influencia na forma do culto, independentemente do lugar escolhido para que a comunidade se reúna. Por essa razão, liturgia e espaço litúrgico precisam ser concebidos como “sujeitos” que interagem, formando, com as pessoas participantes, uma comum-idade litúrgica. Como afirmamos anteriormente: “a fé vem pelo ouvir”. Assim sendo, a convergência de todas as formas do *ouvir* – do e no ambiente litúrgico dentro do culto – propiciam um auscultar da fé que brota através da revelação pascal.

---

<sup>33</sup> Exemplo disso são apresentações projetadas, com datashow, em paredes com superfície escura, letra com tamanho reduzido, etc.

<sup>34</sup> Membros da comunidade, ministro/a, palavra, música, arquitetura, símbolos, alimentos, gestos, vitrais, mosaicos, pinturas, Bíblia, hinários, espaços e centros litúrgicos de uma igreja, etc.

<sup>35</sup> SCHAFFER, 2011, p. 304.

<sup>36</sup> Comunidade, ministro/o, equipe litúrgica, músicos, etc.

<sup>37</sup> Membros, ministros/as, equipe litúrgica, músicos, etc..

## Referências

ADAM, Júlio César. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 53, n. 1, p. 160-175, jan./jun., 2013.

BAUMANN, Dorothea; NIEDERSTÄTTER, Christina. Akustik in Sakralbauten. IN: STEGERS, Rudolf. *Entwurfsatlas Sakralbau*. Basel, Boston, Berlin: Birkhäuser, 2010.

BELING, Éder. *O espaço humano e o espaço sagrado: uma introdução*. São Leopoldo: EST/PPG, 2013.

BOROBIO, Dionisio. *Celebrar para viver: liturgia e sacramentos da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009.

DÍAZ BORDENAVE, Juan E. *O que é comunicação*. São Paulo: Nova Cultural; Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).

LUTHER, Martin. 1544. Nr. 35. Predigt bei der Einweihung der Schloßkirche zu Torgau erhalten 1544, gedruckt 1546. In: D. Martin Luthers Werke: kristische Gesamtausgabe. 49. Band. Weimar: Hermann Böhlau Nachfolge, 1913.

MARASCHIN, Jaci. *A beleza da santidade: ensaios de liturgia*. São Paulo: Aste, 1996.

MATRAS, Jean-Jacques. *O som*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 04.

MENEZES, Flo. *A acústica musical em palavras e sons*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

OSTROWSKI, Carla Irina. Culto cristão. IN: BORTOLLETO FILHO, Fernando (Org.). *Dicionário Brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

RASCHZOK, Klaus. Arquitetura eclesial e espaço da igreja. IN: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich. *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. v. 2. São Leopoldo: Faculdades EST, Sinodal, 2013.

ROSA, Sandro Santos da. *Musicoterapia e cuidado humano: a música e a reabilitação de pessoas que fazem uso abusivo de substâncias psicoativas*. Dissertação de Mestrado orientada por Júlio César Adam. São Leopoldo: EST/PPG, 2013.

SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

VALLE, Sólton do. *Manual prático de acústica*. 3. ed. revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Música & Tecnologia, 2009.

WAINWRIGHT, Geoffrey. Fundamentação sistemático-teológica. IN: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich. *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. v. 1. São Leopoldo: Faculdades EST, Sinodal, 2011.

WHITE, James F. *Introdução ao culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.